

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Juliana Duarte Flores

**PERSPECTIVAS INFANTIS SOBRE OS CONTOS DE FADAS:
construindo significados**

PORTO ALEGRE
2. Semestre
2016

Juliana Duarte Flores

**PERSPECTIVAS INFANTIS SOBRE OS CONTOS DE FADAS:
construindo significados**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Luciane Magalhães Corte Real

PORTO ALEGRE

2. Semestre

2016

Dedico este trabalho a todos que passaram por mim e deixaram um pouquinho de si, para que assim eu pudesse me constituir o que sou hoje. Principalmente aos meus pais, sem eles nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, a qual me apoiou incessantemente em todos momentos em que necessitei.

Gostaria de agradecer, também ...

... ao meu pai que, apesar de toda dificuldade, sempre acreditou em mim e fez o possível para me dar um estudo de qualidade. Apoiou-me em minhas decisões e colaborou em muitos aspectos para que eu concluísse minha graduação feliz com a escolha por mim tomada.

... à minha mãe, por estar ao meu lado em todos os momentos desta caminhada, aconselhando e incentivando. À ela, por ter me mostrado como esse curso é lindo, e que sempre houve um pouquinho dele em mim, mesmo quando nem eu percebia.

... à minha irmã, por estender a mão sempre que eu precisava. Por escutar-me incansavelmente todas as vezes que eu precisei treinar as apresentações de trabalhos para que, assim, pudesse ficar mais confiante, mostrando-me que não era tão difícil e que eu não precisava temer.

... à minha avó que, de alguma forma, sempre me fortaleceu para que eu continuasse nesse caminho, seja com suas orações ou pensamentos positivos.

... ao meu namorado que, apesar do ano difícil de estágio e trabalho de conclusão de curso, deu-me atenção e carinho quando eu mais precisava.

... à minha orientadora Luciane Corte Real, por ajudar-me a constituir esse trabalho da forma mais bela possível. Por ter paciência quanto às minhas inseguranças e por me proporcionar muitos momentos de aprendizagens junto ao nosso grupo de pesquisa, dentre muito companheirismo e risadas.

Agradeço, também, às amigas que construí durante esses quatro anos de graduação. Obrigada, Carolina, Delene, Franceline, Jéssica, Pâmela e Tatiana. Com certeza, sem a presença de vocês, eu não teria lembranças tão boas quanto eu tenho desse percurso. Espero que essas amigas se perpetuem para a vida.

Por fim, agradeço a todos os professores que perpassaram por mim durante esses anos e que, de certa forma, constituíram-me como docente através de cada texto estudado, cada aula assistida e cada trabalho pesquisado. Obrigada por mostrarem-me um pouco do seu conhecimento para que, assim, hoje, possa intitular-me como pedagoga.

*“Aqueles que passam por nós, não vão
sós, não nos deixam sós. Deixam um
pouco de si, levam um pouco de nós.”*

(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância e as contribuições dos contos de fadas para a infância. Tal estudo partiu de uma inquietação pessoal sobre os contos de fadas serem um tipo de literatura prejudicial às crianças a qual pode trazer visões ilusórias da vida. Inicialmente o trabalho discute temas como a literatura e a contação de histórias, trazendo a importância das mesmas para a infância. Busco também refletir sobre os contos de fadas, se é pertinente para os professores trabalharem esse gênero literário em sala de aula, quais são os benefícios que eles podem trazer às crianças e se deve existir alguma resistência sobre esses contos para com as mesmas. Para isso, a metodologia utilizada foi a de uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso, utilizando como estratégia a coleta de dados por meio de entrevistas, com um roteiro semiestruturado. Mais precisamente, do material empírico para o debate destas questões foi formulado a partir de entrevistas com treze crianças de quatro a seis anos de idade que possuem contato com este gênero literário. As análises das entrevistas foram feitas a partir da fala das crianças e analisadas a partir do referencial bibliográfico marcado, predominantemente, pelas contribuições de Bruno Bettelheim (1980), sobretudo aquelas apresentadas na obra “A psicanálise dos contos de fadas”.

Palavras-chave: **Contos de Fadas. Contação de histórias. Infância. Literatura.**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. A LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	10
3. O ENCANTAMENTO DOS CONTOS DE FADAS	12
3.1 CONTOS DE FADAS SEGUNDO BRUNO BETTELHEIM	16
3.2 CONTOS DE FADAS: UMA LITERATURA DO BEM OU DO MAL?	17
4. OS CONTOS DE FADAS NO ÂMBITO ESCOLAR	20
5. METODOLOGIA	22
6. ANÁLISE: UM MUNDO DE FANTASIA A PARTIR DA VOZ DAS CRIANÇAS	26
7. CONCLUINDO	36
9. REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	41

1. INTRODUÇÃO

Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina. (SCHILLER apud FIGUEIREDO, 1998, p.1)

O que os contos de fadas de fato ensinam para as crianças? O que eu, ao longo de toda minha vida, lendo, escutando e assistindo essas histórias repetidas vezes aprendi? O que foi agregado a minha infância e a minha vida adulta por esses contos? Essas perguntas surgiram após assistir a uma discussão em um programa de televisão sobre ser saudável ou não a transmissão dos contos de fadas na infância, ocorrendo até argumentações sobre tais histórias poderem trazer ilusões às crianças e prejudicá-las na sua vida adulta. A partir desses questionamentos motivei-me a pesquisar a respeito desta temática, tendo em vista que tal gênero literário está muito presente na infância de muitas crianças e que, inclusive, fez parte da minha.

Havendo como ponto de partida a leitura do livro “A psicanálise dos contos de fadas”, do escritor Bruno Bettelheim (1980), além de outros autores como Diana Corso, Nariam Conde e Fanny Abramovich, a questão da pesquisa se fundamenta em como os contos de fada podem contribuir na infância, tendo como objetivo compreender a importância ou não desses contos para o desenvolvimento da criança nos aspectos emocionais.

Para saciar minhas dúvidas e contemplar meus objetivos, o trabalho foi dividido em diferentes sessões.

Na primeira sessão busco discutir a literatura e a contação de histórias para as crianças, compreendendo que o contato com o universo literário desde cedo é fundamental para a infância, pois influencia no desenvolvimento de novos leitores, estimula a imaginação e despertam a curiosidade das crianças.

Em uma segunda sessão, apresento os contos de fadas: quais são suas características, como surgiram e como são estruturados. Além disso, nesta sessão busco compreender quais são os significados desses contos, o que eles proporcionam para seus leitores, trazendo assim uma subseção que explica essas questões dos contos de fadas pela visão do autor Bruno Bettelheim (1980), sobretudo aquelas apresentadas na obra “A psicanálise dos contos de fadas”.

Em uma segunda subseção discute-se sobre a possibilidade destes contos serem prejudiciais para as crianças, de forma que possam provocar uma visão muito negativa da realidade, ocasionando problemas futuros como insegurança e o medo. Alguns personagens dos contos de fadas representam exatamente a maldade que os pais preferem que seus filhos não conheçam, fazendo com que os pais não apresentem tais contos para seus filhos.

Após compreendermos a importância da literatura e, mais especificamente, as narrativas dos contos de fadas, apresento contribuições de como e porque devemos e podemos trabalhar esse gênero em sala de aula, pois a escola, por sua vez, é um espaço privilegiado para que ocorra o incentivo à literatura. E, na maioria das vezes, é na própria escola que a criança terá seu primeiro contato com um livro, e será neste âmbito que a criança poderá se apropriar da escrita e da leitura.

Finalizando, apresento a metodologia traçada no presente trabalho, no qual foi realizada uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso, utilizando como procedimento de coleta de dados entrevistas, com um roteiro semiestruturado. Os sujeitos foram crianças entre quatro e seis anos de idade, as quais têm contato com literatura, mais especificamente com os contos de fadas.

A partir da voz das crianças pude perceber muitos elementos estudados no referencial teórico que se fez presente na fala delas. Portanto, para a análise das entrevistas, foi feita uma articulação entre a teoria e a empiria.

2. A LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A importância que a literatura tem em nossas vidas, seja em qualquer faixa etária, é uma discussão que está presente em diversos âmbitos, principalmente no escolar. Para Peres (2010), a presença das histórias e contos deveria acontecer desde o início da vida de cada um, mesmo antes do nascimento, ou a partir da mais tenra idade, pois o contato com o universo literário desde cedo é fundamental para o desenvolvimento de novos leitores, estimulando a imaginação e despertando a curiosidade.

A escola, por sua vez, é um espaço privilegiado para que ocorra esse incentivo, pois geralmente é na escola que a criança se apropriará da escrita e da leitura. Muitas vezes é na própria escola que a criança terá seu primeiro contato com um livro.

Segundo o mesmo autor, é através da literatura que a criança poderá fazer descobertas, exercerá a imaginação, criará hipóteses para questões que se formarão além de poder interpretar um mesmo texto de diferentes formas, sob diferentes pontos de vista. A literatura fará parte e contribuirá para o desenvolvimento daquele indivíduo que fará uso da mesma.

Através da literatura faz-se uso da leitura, na qual há diversas possibilidades e diversos gêneros literários, basta o professor apresentar esse mundo para seus alunos, tornando-se assim, o mediador entre o aluno e esse universo literário. Segundo Peres (2010),

O ato de ler traz, portanto, benefícios aos leitores e, conseqüentemente, à sociedade, pois contribui para o desenvolvimento intelectual, aumentando a capacidade crítica e compreensiva, a aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem, bem como ajuda a estabelecer um conceito global do mundo. (PERES, 2010, p.6).

Constituindo assim um leitor, que da mesma forma, pode compreender seu lugar no mundo, passando a ter percepção do seu papel frente ao contexto social.

Assim como a leitura, a contação de histórias é importante para a formação do indivíduo, e é a partir dela que a criança poderá ter seu primeiro contato com a literatura. Para Lourenção e Antonelli (2016), ao contar histórias, transmitem-se valores, sendo esta uma prática fundamental dentro da sala de aula. Além do

simples ato de ler a história é importante que o professor explore as diferentes formas de narração da mesma.

Para Corso e Corso (2006) a criação de diferentes formas de contar uma mesma história é importante, instigando a fantasia e a imaginação infantil. Afirmam também que não há uma regra de como utilizar os contos de fadas, o importante é haver esse momento de compartilhamento da fantasia entre pais e seus filhos, o qual a narrativa dos contos de fadas proporciona.

Da mesma maneira como afirmam Corso e Corso (2006) em relação à narrativa dos contos de fadas, acredito que qualquer tipo de contação de histórias é importante, pois possibilita que a criança explore sua imaginação e crie imagens, personagens e lugares.

Segundo Abramovich (2005), o professor ou a pessoa que vai narrar uma história a partir de um livro, deve se apropriar do mesmo, antes de fazer a contação. Independente do tipo de história, seja grande ou pequena, atual ou antiga, o narrador deve ter conhecimento sobre o conteúdo desta história, de seus personagens, da entonação que se deve usar em cada uma das falas, fazendo o uso da pontuação correta e de outros elementos contidos no texto para tornar prazeroso esse momento de contação.

Um ponto importante que esta mesma autora traz é que a contação de histórias não deve limitar-se apenas à educação infantil e para crianças não alfabetizadas. Tendo em vista que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)” (ABRAMOVISCH, 2005, p.23) e para isso não há faixa etária ou nível escolar, basta gostar de escutar uma boa contação de história.

Acredito ser muito importante o professor ter um olhar sensível a cada criança, buscando sempre descobrir suas necessidades e curiosidades, assim como atentar-se para a seleção das próprias crianças sobre a história a serem lidas, e a partir disso o professor poderá selecionar obras literárias para trabalhar com seus alunos, considerando o desejo e as necessidades presentes naquele momento, tornando assim, a leitura uma fonte de prazer, de saciação de curiosidade e de novas descobertas, fazendo com que seus alunos apaixonem-se pelo ato de ler e que, além disso, possam se tornar leitores críticos e reflexivos.

3. O ENCANTAMENTO DOS CONTOS DE FADAS

Para compreendermos o que são os contos de fadas e qual sua contribuição para o desenvolvimento humano, precisamos entender como esses contos surgiram e como são estruturados. Em seu livro “A sôbra e o mal nos contos de fadas”, Marie Louise Von Franz (1985), afirma que os contos de fadas são histórias muito antigas, contadas antes do século XVII por uma parte da população, de classe baixa, atribuídas a adultos e a crianças, como forma de lazer e distração.

Segundo Von Franz (1985), não há como saber a origem exata desses contos, havendo teorias de que originaram de mitos, de preceitos religiosos e de sonhos que passaram a ser contados como histórias, mas a teoria que mais agrada a autora é a de que essas histórias são experiências ampliadas e modificadas através da contação, agregando-se elementos característicos dos contos de fadas. Havia pessoas que eram designadas a contarem essas histórias, e assim, passando-a de geração em geração, tornando-se “[...] uma espécie de sabedoria popular.” (1985, p.15).

Estes contos, em sua forma mais remota eram destinados apenas para os adultos, “uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos.” (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009, p.134).

Bettelheim (1980) afirma que os contos de fadas originaram-se no contexto histórico em que a religião estava muito presente e tinha grande importância para a sociedade, por isso, muitos fazem referência direta ou indiretamente com temas religiosos, como por exemplo, “As histórias das Mil e Uma Noites estão cheias de referências à religião islâmica.” (1980, p.14).

Para Von Franz (1985) os contos de fadas têm relação direta com o indivíduo, diferente dos mitos, que são direcionados para uma sociedade específica, fazendo mais sentido para essa mesma. Já quanto aos contos de fadas, apesar de serem influenciados pela sociedade e pelo contexto histórico em que foram criados, não é necessário conhecer ou fazer parte do mesmo referente do conto para possuir significado a quem está lendo ou escutando a história, pois “os contos de fada têm uma estrutura que reflete os traços humanos mais gerais. Desempenham um grande papel porque através deles podemos estudar as mais básicas estruturas de

comportamento.”. (VON FRANZ, 1985, p. 18), facilitando assim a compreensão e a identificação do leitor com a história.

Segundo Lajolo e Zilberman (1985) o primeiro grande movimento de publicações de livros infantis surgiu no século XVIII. Um dos principais responsáveis por esse momento na história foi o francês Charles Perrault, autor de alguns contos de fadas que acabou “[...] literalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil” (1985, p.16). Apesar do primeiro surgimento dos contos infantis terem ocorrido na França, sua propagação deu-se na Inglaterra, por conta do período em que o país vivia da expansão do mercado.

Segundo Lajolo e Zilberman (1985), juntando-se as obras de sucesso de Perrault, no século XIX, os irmãos Grimm “[...] editam a coleção de contos de fadas que, dado o êxito obtido, converte-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças.” (1985, p. 20).

As histórias dos contos de fadas seguem uma linha de pensamento, onde tornam seus contos semelhantes uns aos outros. Os contos de fadas possuem elementos comuns que estão contidos em seus textos. Sua narrativa é contada a partir de um herói ou uma heroína que passa por alguma dificuldade durante a vida, como por exemplo, a Branca de Neve e a Cinderela que sofrem por conta de suas madrastas. Segundo Vieira (2005), ao desenrolar da história é necessária a ocorrência de um acontecimento marcante para o qual é preciso encontrar uma solução. A presença do sobrenatural é uma marca destes contos. “Contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter um elemento extraordinário, surpreendente, encantador” (CORSO e CORSO, 2006, p.27) como animais falantes, beijos com o poder de reviver pessoas, personagens que fazem magia, dentre outros elementos que marcam presença nas histórias.

Segundo Bettelheim (1980), se quisermos descobrir se uma história pode ser considerada um conto de fada, é preciso que indaguemos se esta é um presente de amor às crianças, pois é assim que o autor considera os contos de fadas. Esses contos, para ele, são caracterizados a partir das tramas complexas, mas que possuem mensagens reconfortantes para seus leitores.

Outra característica que pode estar presente nos contos de fadas é uma ambiguidade entre bem e o mal, com atitudes que facilitam que o leitor julgue seus

personagens como bons ou maus, fazendo com que assim, as crianças possam internalizar conceitos de moralidade, como nos ilustra Vieira (2005, p. 9):

[...] cada uma dessas estórias é um estímulo encorajador na luta da vida, em que se valorizam os princípios éticos na relação com o outro: o Mal é denunciado, e o personagem mau é castigado; o Bem é valorizado, e o personagem bom é premiado. A proposta e a realização básica são sempre de plena vitória final do bom e do Bem. (VIEIRA, 2005, p.9).

Por outro lado, Bettelheim (1980) cita contos de fadas amorais, os quais não retratam seus personagens como somente bons ou maus, impossibilitando de possuírem mais de uma característica em sua personalidade,

Tais contos ou figuras típicas como o "Gato de Botas", que arranja o sucesso do herói através da trapaça, e João, que rouba o tesouro do gigante, constroem o personagem não pela promoção de escolhas entre o bem e o mal, mas dando à criança a esperança de que mesmo o mais medíocre pode ter sucesso na vida. (BETTELHEIM, 1980, p.18).

Estes contos apresentam em sua narrativa sentimentos arcaicos e relações humanas primitivas, como a raiva, o amor, a inveja e a mentira. Sentimentos e relações presentes, mas inibidos na sociedade atual. (VIEIRA, 2005).

Há, portanto, diversos escritores deste gênero literário, os contos de fadas. Segundo Lajolo e Zilberman (1985), encontram-se dentre os principais escritores "Hans Christian Andersen, nos seus Contos (1833), Lewis Carrol, em Alice no país das maravilhas (1863), Collodi, em Pinóquio (1883), e James Barrie, em Peter Pan (1911)," (VIEIRA, 2005, p.20). Há também escritores brasileiros, os quais colaboraram para a escrita deste gênero literário, sendo pioneiro deles, Monteiro Lobato o qual publicou 26 livros voltados para as crianças. Tal autor foi o inspirador para novos grandes escritores brasileiros, como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009).

Não há como negar que estes contos permanecem vivos após séculos e continuam a encantar adultos e crianças, permeando esse encantamento de geração em geração. E é por continuar encantando desde as crianças até os adultos que foram criadas versões de contos de fadas para adultos, como por exemplo, a série americana "Once Upon a Time" (Era Uma Vez), que traz em seu enredo as histórias dos personagens dos clássicos contos de fadas. Nesta versão produzida para a televisão, as tramas dos personagens interligam-se de forma diferente das histórias clássicas, em que não há a ambivalência sobre os personagens. Na série,

os vilões ou heróis oscilam entre a bondade e a maldade, ocorrendo também de o mal vencer o bem. (KLERING, 2015).

Para Lima (2000), não são apenas as crianças que elaboram impasses inconscientes com as histórias dos contos de fadas, os adultos também elaboram estas questões. A autora afirma que as telenovelas da atualidade são como contos de fadas para os adultos, pois podemos encontrar nelas diversos aspectos também presentes nos contos de fadas, como, por exemplo, o casamento de um homem rico com uma menina pobre, a qual recebe um prêmio por sua bondade e que assim acaba por receber tudo aquilo que foi-lhe abdicado na infância, “o "príncipe" que salva a "princesa" das maldições das bruxas (representadas pelos personagens maus) e como nos contos de fadas, as telenovelas fazem sucesso a medida que apresentam um final feliz e um castigo para os maus” (LIMA, 2000, p.5). Assim como as crianças, os adultos veem nessas histórias passadas na televisão uma forma de se relacionar com os personagens e com seus desejos e angústias, e assim elaboram seus conflitos através da simbolização.

Os contos de fadas são histórias que há muitos anos vêm chamando a atenção de muitos estudiosos que investigam este tema relacionando-os com sua determinada área de conhecimento. Um dos principais especialistas neste tema é o psicanalista Bruno Bettelheim.

Segundo Corso e Corso (2006), Bettelheim foi um importante psicanalista, nascido na Áustria, no ano de 1903, escritor de múltiplos textos sobre diversos assuntos e, mais tarde, escritor do livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Neste livro o autor traz importantes contribuições sobre o papel dos contos de fadas para com as crianças.

Para compreendermos melhor as ideias trazidas por Bettelheim, é importante saber que a psicanálise refere-se a uma teoria criada por Freud, a qual faz a compreensão do inconsciente humano. A psicanálise, “busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos.” (BOCK; TEIXEIRA e FURTADO, 1999, p.71).

Portanto, Bettelheim utiliza a psicanálise para entender como estes contos atuam e refletem elementos do inconsciente infantil. Para Corso e Corso (2006), Bettelheim colaborou para que este tipo de narrativa passasse a ser utilizada em escolas de educação infantil, no âmbito familiar e nos meios de comunicação.

3.1. CONTOS DE FADAS SEGUNDO BRUNO BETTELHEIM

Para defender a importância dos contos de fadas para a infância, utilizarei principalmente a obra deste autor, o qual nos traz o porquê desses contos serem fundamentais no desenvolvimento humano.

Bettelheim (1980), afirma que nós temos a necessidade de encontrar o significado na vida. Durante o desenvolvimento da criança, esta passa a se compreender melhor, conseqüentemente compreendendo mais o próximo e desenvolvendo uma relação saudável e significativa. Mas para encontrarmos este significado da vida que tanto buscamos, “devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida.” (1980, p.12). Para as crianças, um fator que colabora profundamente para esse processo de conhecimento de si é a literatura. Dentre todos os tipos de literatura infantil, os contos de fadas são os que contemplam melhor a necessidade das crianças, onde se pode compreender melhor sobre os conflitos internos dos seres humanos e como encontrar soluções para os mesmos.

[...] os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Portanto, para Bettelheim (1980), esses contos ajudam as crianças a enfrentarem suas dificuldades e a lidarem com difíceis situações da vida, pois eles apresentam a elas formas de lidar com esses conflitos. Eles deixam claro o dilema a ser tratado na história, facilitando que a criança compreenda o conflito existente na narrativa.

Os contos de fadas possuem muitos aspectos que contribuem para o desenvolvimento infantil.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão de diversidade de contribuições que esses contos dão à vida das crianças. (BETTELHEIM, 1980, p.20).

Os contos fazem com que as crianças possam se entender melhor, e com isso, tornem-se capazes de entenderem os outros. Abramovich (2005), afirma que os contos de fadas tratam vários temas convenientes para a infância, falando sobre o medo, sobre amor, sobre a dificuldade em ser criança, falam sobre carência, sobre auto-descobertas e falam, também, sobre perdas e buscas. E são esses enredos e tramas que estão presentes nestes contos que encantam as crianças e ajudam na sua compreensão da vida.

Este gênero literário é distinto de qualquer outro tipo de literatura. Ele colabora para que as crianças descubram sua identidade e elaborem sua comunicação, além de apresentar diversas experiências que ajudam no desenvolvimento do caráter infantil. Mas, principalmente para as crianças, pois estão desenvolvendo-se, estes contos não somente mostram para o indivíduo que o lê ou o escuta como é a forma certa de se portar na sociedade, no mundo. Os contos fazem com que o indivíduo encontra soluções para seu próprio conflito interno. (BETTELHEIM, 1980).

Para Bettelheim (1980), os contos de fadas têm uma influência muito grande sobre as crianças baseada na confiança, pois os contos de fadas falam do mundo a partir da visão que elas possuem. Portanto, as crianças podem ser muito melhor consoladas a partir de um conto de fadas do que através da visão e raciocínio de um adulto.

Os contos de fadas são ímpares para as crianças e a mesma

extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 1980, p.21).

Dessa forma, podemos compreender que tais contos são singulares e muito importantes para diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Seguindo o pensamento do autor, sendo assim, diferente para cada criança e diferente para a mesma em distintos momentos de sua vida.

3.2. CONTOS DE FADAS: UMA LITERATURA DO BEM OU DO MAL?

Existem pais que não são a favor de que seus filhos escutem e leiam contos de fadas. Acreditam que estes não são um bom estímulo para a criança e acabam por evitar contar essas narrativas para seus filhos. Para Bettelheim (1980), a nossa cultura prefere tentar acreditar que o lado negativo da humanidade é inexistente, principalmente quando isto se refere às crianças. Essa crença acaba interferindo quando se trata dos pais oferecerem a leitura dos contos de fadas para seus filhos, pois alguns personagens dos contos de fadas representam exatamente a maldade que os pais preferem que seus filhos não conheçam. Segundo Vieira (2005), alguns adultos acreditam que a solução mágica de problemas complexos e toda a violência contida na narrativa desses contos irão prejudicar emocionalmente as crianças, provocando uma visão muito negativa da realidade ocasionando problemas futuros como insegurança e o medo.

Para Rossoni (2008), os pais por possuírem esse medo, o de amedrontar seus filhos, escolhem por apresentá-los apenas coisas boas, “mas esquecem que a criança precisa entender o mundo como ele é, compreender a realidade, crescer, [...] as crianças precisam conviver com o sofrimento, com a solidão e até com a morte, a separação” (2008, p.15).

Bettelheim (1980) afirma que muitos pais preferem a literatura moderna, pois elas acabam por não retratar contestações internas que geram impulsos primitivos e sentimentos violentos, porém assim impedem que as crianças possam ser ajudadas a lidar com eles.

Para Rossoni (2008), alguns pais não gostam do enredo e dos personagens destes contos, pois acabam por acreditar que seus filhos podem relacioná-los com eles próprios, identificando-os como bruxas, madrastas, pessoas ruins, conseqüentemente, não os amando mais. Mas, na realidade, através da psicanálise, prova-se exatamente o contrário: que instintos de agressividade das crianças são atenuados, colaborando para um relacionamento familiar mais harmônico entre pais e filhos.

Outro motivo que leva as pessoas a crerem que este gênero literário é prejudicial e que foi um dos motivos que me trouxe a pesquisar sobre este tipo de literatura, está relacionado à argumentação de que estes contos incentivam uma visão ilusória sobre a vida, principalmente para as mulheres, quando retratam que as personagens realizam-se pessoalmente e vivem felizes para sempre após o encontro do amor verdadeiro, do seu príncipe encantado. Esse relato acabaria por

iludir e decepcionar muitas mulheres na vida adulta, fazendo-as infelizes quando não alcançam tal objetivo ou fazendo-as permanecerem na constante procura do príncipe encantado para que assim possam ser felizes. Porém, Bettelheim (1980) esclarece que este tipo de pensamento se dá por uma visão desinformada destes contos, ignorando a principal mensagem que os mesmos transmitem para as crianças, pois “estes contos sugerem-lhe que, formando uma verdadeira relação interpessoal, a pessoa escapa da ansiedade de separação que a persegue” (1980, p. 19). Ou seja, o verdadeiro sentido deste momento do enredo, o qual representa o casamento e a união do príncipe com a princesa, está relacionado com a separação do que é externo, conseqüentemente, dos pais, pois sem a separação dos pais este final não se torna possível. Portanto, de certa forma, essas histórias colaboram para que as crianças possam lidar com este aspecto futuramente.

Seguindo os pensamentos de Bettelheim (1980), e defendendo a presença dos contos de fadas na infância, Rossoni (2008), afirma que são justamente os finais felizes presentes nos contos de fadas, os quais muitos afirmam não fazerem parte da realidade, que são muito significativos para as crianças, consolando-as e incentivando-as na crença positiva na vida.

4. OS CONTOS DE FADAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Muitas vezes essa literatura não está presente em sala de aula ou então é explorada de forma limitada pelos docentes, que muitas vezes visam trabalhar com a mesma extraído dela somente o tom moralizador que está implícito nessas histórias, deixando de explorá-las de forma mais diversificada e mais agregadora para a criança.

Giglio (1993), evidencia que os contos de fadas são ricos materiais pedagógicos para serem trabalhados em sala de aula, mas o que ocorre é que muitos professores para trabalhar esses contos, acabam por alterá-los, tirando partes importantes da narrativa. Tais alterações deixam esta literatura carente de significados importantes para as crianças, as quais “estão sendo configuradas como bobas, incapazes de deter-se em algo, de pensar coisas sérias, sem problemas existenciais e não aptas a lidar com o real.” (GIGLIO, 1993, p.70).

Sem dúvida, os contos de fadas fornecem preciosa contribuição à educação. Sua principal função realiza-se no nível afetivo, dando oportunidade às crianças de lidar simbolicamente com seus impulsos agressivos, suas culpas, seus desejos, seus medos – seu mundo interno – através da identificação com as personagens e situações conflituosas que caracterizam esse tipo de história. (CONDE, 1996, p.40).

Além disso, segundo Conde (1996), esta literatura colabora muito com aspectos da imaginação e fantasia. Os quais são fundamentais estarem presentes em sala de aula e serem instigados e valorizados pelo professor. Os contos de fadas também “trazem em seu bojo uma dimensão ideológica/social/histórica da época em que foram compilados.” (1996, p.41).

Para Vieira, tais narrativas falam sobre a “realidade interior da construção das nossas culturas, de como se constituíram as estruturas psicológica das pessoas e dos grupos humanos.” (VIEIRA, 2005, p.8), trazendo elementos e ideias que podem ser analisados e refletidos em sala de aula.

Essas histórias geralmente refletem ideologias e valores existentes entre classes sociais de uma determinada época e cultura. É um rico material para ser trabalhado em sala de aula visando esses aspectos, além de “suas dimensões afetivas, sócio-históricas e linguística.” (CONDE, 1996, p.41).

Conde (1996), afirma que este tipo de literatura é muito acessível para as crianças por conta de sua estrutura textual, tornando-se assim, uma ferramenta que pode ser utilizada no início da alfabetização e em séries iniciais, auxiliando as crianças na elaboração da escrita. Tendo em vista que “essas histórias oferecem condições para a ampliação do vocabulário, sintaxe, formas discursivas, pontuação, etc.” (1996, p.44). Para a autora, a estrutura que este tipo de narrativa traz em seus textos, possuindo começo - com a introdução dos personagens - o meio - apresentando uma situação-problema - e o fim - no qual acaba por resolver esta situação-problema, colabora para que seja utilizada em sala de aula, pois “em suma, os contos de fadas contribuem para uma produção escrita mais efetiva das crianças, ao promoverem um esquema de conteúdo/forma para suas produções.” (1996, p.47).

5. METODOLOGIA

A metodologia é fundamental para a realização de um trabalho bem estruturado, em que colabora para que possamos fazer articulações a fim de alcançar um determinado resultado de pesquisa. Para isso, “a metodologia deve dispor de um instrumento claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática” (MINAYO, 2008, p.15). Partindo deste pressuposto, foram formuladas estratégias para alcançar os objetivos da pesquisa, pois o “método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado” (CERVO; BERVIAN e DA SILVA, 2007, p. 27). Sendo assim, no presente trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso, utilizando como método de coleta de dados entrevistas semiestruturadas.

Em uma abordagem qualitativa — a qual possibilita o investigador explorar melhor uma temática não priorizando análises em grande escala, mas sim em uma escala menor —, e segundo Oliveira (2008), podemos direcionar a nossa investigação para dois tipos de pesquisa qualitativa: pesquisa etnográfica e estudo de caso.

O estudo de caso foi utilizado como estratégia para a realização deste trabalho, pois, segundo Yin (2001), é uma metodologia bastante utilizada para que possamos investigar acontecimentos correntes na vida real, em que podemos levantar questões como: “por que” e “como” para nortear nossa pesquisa. Além disso,

o estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (YIN, 2001, p.18).

A escolha dos sujeitos alvos para as entrevistas foi realizada a partir de um momento em que me contaram a narrativa de uma menina de três anos. Esta me fez perceber que estes contos marcam muito as crianças, fazendo-as levar referências dessas histórias para o seu dia a dia, instigando-me assim a escutá-las, compreendendo quais são os reais significados que elas levam para sua vida. O fato

ocorrido foi uma narrativa de Isabela¹, de três anos de idade, em um ambiente familiar, em que, ao observar Carolina, sua babá, de vinte e um anos de idade, comendo um lanche, indagou-a sobre o que ela estava comendo. Carolina respondeu que estava comendo um lanche feito por sua madrasta. Isabela, apavorada, afirmou que ela não poderia comer aquele lanche, pois estava envenenado.

Neste acontecimento podemos observar a ligação que a Isabela fez com as histórias que conhecia, na qual as madrastas são más, principalmente na história da Branca de Neve, em que a madrasta envenena a maçã da princesa. A partir deste momento vi a importância de dar voz às crianças e deixarem-nas expressarem suas ideias e as hipóteses sobre a vida elaboradas até então. Ou seja, parto do pressuposto de que devemos explorar o universo infantil para significá-lo melhor e torná-lo mais visível, pois

isto significa realmente ter como foco nas pesquisas a coleta das vozes, dos olhares, dos pensares, dos sentires, dos dizeres, dos saberes delas. [...] Interagir com os humores endoidecidos das crianças é ir além das aparências do fenômeno, é aproximar-se de sua essência.” (FILHO e BARBOSA, 2010, p.17).

Portanto, tendo como ponto de partida entrevistas semiestruturadas, investiguei quais são as histórias mais significativas para cada uma das crianças entrevistadas, com quais personagens elas simpatizam mais e de quais elas não gostam, compreendendo o porquê destas escolhas, como esses contos chegam até essas crianças, quem os contam, investigando se essas histórias estão presentes em sala de aula e se os pais dessas crianças contam esses tipos de história para seus filhos.

A partir das perguntas surgiram outras durante o diálogo que compuseram as entrevistas. Como por exemplo, perguntas relacionadas aos personagens das histórias citadas pelas crianças; de como essas histórias são narradas; o porquê delas gostarem mais de alguns personagens do que de outros; o porquê delas considerarem alguns personagens como bons e outros como maus; dentre outros questionamentos que foram surgindo através do diálogo entre a pesquisadora e a criança.

¹ Isabela e Carolina são nomes fictícios utilizados para relatar a cena ocorrida. Este momento foi relatado para mim a partir da narrativa de Carolina, o qual ocorreu na residência de Isabela.

Foram realizadas entrevistas com 13 crianças entre quatro e seis anos de idade. A intenção foi extrair o olhar destas sobre os contos de fadas, analisando e refletindo sobre suas respostas. O roteiro da entrevista foi desenvolvido com o foco em compreender como esta literatura é vista por elas.

O presente trabalho pretende compreender a importância deste gênero literário para a infância e quais suas contribuições para tal, buscando também saber se estão em sala de aula e quais as percepções das crianças sobre eles.

O desenvolvimento da pesquisa foi dividido em três estágios: preparatório, coleta de dados e análise de dados – todos eles tendo como base o referencial teórico, o qual foi fundamental para a ocorrência de todas as etapas, com a presença de autores como Bettelheim (1980) e Corso e Corso (2006).

Num primeiro momento foram organizados os recursos relevantes para a etapa de coleta de dados. No caso, foi feito um levantamento de questões que seriam abordadas nas entrevistas a serem realizadas, formando um roteiro de entrevistas para ser utilizado como base para a execução das mesmas.

Em uma segunda etapa foi realizada a seleção das crianças entrevistadas, entrando em contato com os pais e pedindo sua respectiva autorização para a utilização da fala de seus filhos para a pesquisa. Após essa etapa foi marcado um dia para o encontro com essas crianças, participantes da pesquisa, realizada de forma individual. O critério para seleção de alguns participantes das entrevistas foi a relação de proximidade, havendo uma ligação familiar ou de amizade entre as crianças e os pais das crianças com a pesquisadora. Portanto, é importante ressaltar que eu já conhecia essas crianças, havendo uma relação entre eu e elas, a qual possibilitou um melhor desempenho nas entrevistas, pois as mesmas não hesitaram em responder as perguntas que lhes foram feitas. Os outros participantes da entrevista foram crianças estudantes de uma rede particular de escola de educação infantil, situada na cidade de Porto Alegre. Tais crianças frequentam o Jardim A e B desta instituição. Acredito que “o nosso posicionamento enquanto investigadores adultos deverá considerar que as crianças possuem informações importantes, que não será possível alcançar de outro modo que não seja por meio de sua voz e ações, sendo fundamental criar espaços e tempos para que tal possa ocorrer” (FERNANDES, 2016, p.771), por isso a investigação da fala das crianças foi tão importante para a constituição deste trabalho, pois apenas as crianças poderiam contribuir para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

Os dados colhidos nas entrevistas foram transcritos na íntegra e analisados a partir do referencial bibliográfico.

Algumas entrevistas foram feitas na casa da pesquisadora e a maioria delas na escola de educação infantil citada anteriormente. Foram utilizados como ferramentas para a coleta das falas das crianças gravadores, além de anotações por parte da pesquisadora ao longo do diálogo com as crianças. Todas as entrevistas foram feitas individualmente, contendo apenas a presença da pesquisadora e da criança entrevistada. Os dados colhidos nas entrevistas foram transcritos na íntegra e analisados a partir do referencial bibliográfico

6. ANÁLISE: UM MUNDO DE FANTASIA A PARTIR DA VOZ DAS CRIANÇAS

Para a análise deste trabalho procurei trabalhar os conceitos discutidos durante o referencial teórico, relacionando-os com as falas das crianças entrevistadas, fazendo assim, uma articulação entre a teoria e a empiria (o material empírico).

Foram feitas, no total, treze entrevistas, com crianças de quatro a seis anos de idade. A seguir apresento um quadro com informações importantes para a compreensão da realidade destas crianças, descobrindo seu nome², idade, quem conta essas histórias para elas e quais dessas histórias elas mais gostam.

Crianças entrevistadas	Idade	Quem conta	Quais histórias mais gosta
Manu	4 anos	"A minha mãe, minha avó e a prof. Carol que contam histórias para mim."	"Eu gosto da Rapunzel, da Bela adormecida, chapeuzinho vermelho e dos monstros."
Mari	4 anos	"A minha mãe e o meu pai me contam histórias."	"Gosto da Branca de Neve, da Cinderela e dos anõezinhos."
Bernardo	5 anos	"Eu escuto histórias na minha escola também, a prof. que conta."	"Eu não gosto de conto de fadas. Eu gosto de histórias com dragões, dinossauros e tubarão."
Lara	5 anos	"Minha mãe e a profe que contam, mas eu escuto histórias em livro e em DVD."	"Bela e a fera, Rapunzel e a Princesinha Sofia."
Larissa	5 anos	"Ninguém conta história pra mim. Na minha casa não tem história. Só na escola."	"Princesinha Sofia, a Barbie, a Branca de Neve e as Monster High."
Felipe	4 anos	"Me contam lá em casa. Às vezes eu me conto	"Não gosto de histórias de contos de fadas. Eu gosto

² Os nomes das crianças são nomes fictícios, por questões de ética nas entrevistas com tais crianças, preferindo mantê-las anônimas.

		sozinho."	de Dinossauros, porque eles são fortes."
Manuel	5 anos	"Eu escuto na minha casa, meu pai que conta."	"Gosto mais da história de carro de corrida e também gosto dos Três Porquinhos."
Ricardo	5 anos	"Escutei na minha casa, meu pai contou."	"Eu gosto mais dos Dinos e dos Três Porquinhos."
Bárbara	5 anos	"Minha mãe conta histórias e eu leio alguns livros."	"Branca de Neve e da Chapeuzinho Vermelho."
Luana	6 anos	"Eu adoro histórias. Na minha casa tem muitos livros, eu leio pra mim às vezes."	"Gosto mais da Chapeuzinho Vermelho. Também gosto da Cinderela e adoro os Três Porquinhos."
Bia	6 anos	"Eu tenho um monte de histórias na minha casa. Só minha mãe conta histórias, porque meu pai me abandonou."	"Eu gosto mais da Rapunzel."
Carlos	6 anos	"A profe, minha mãe e meu pai que me contam histórias."	"Eu gosto muito da história de João e Maria."
Juliana	5 anos	"Minha mãe que me conta histórias."	"Gosto dos Três Porquinhos e gosto das história de dinossauros porque eles mordem."

A partir da voz das crianças pude perceber muitos elementos estudados no referencial teórico e que se fez presente na fala delas. Um desses elementos foi a importância da contação de história e da troca entre o narrador e o ouvinte. Esse momento de contação, como já discutimos ao longo do artigo, é de fundamental importância para a criança, um momento carregado de significado que instiga a fantasia e a imaginação infantil. Para Bettelheim (1980), é o narrador que dará sentido à história; dependerá dele se o conto será insignificante para a criança ou será apreciado pela mesma.

O sentido adulto de participação ativa na narração dá uma contribuição vital para, e enriquece muito as experiências da criança sobre a estória. Isso

implica em uma afirmação da personalidade da criança através de uma experiência específica compartilhada com outro ser humano que, embora adulto, pode apreciar integralmente os sentimentos e as reações da criança. (BETTELHEIM, 1980, p.169).

Através da fala de algumas crianças podemos perceber essa relação de afeto pelo contador e o ouvinte, além de perceber que os pais foram os mais citados como quem conta histórias para as crianças. Acredito que não necessariamente sejam apenas eles que contam histórias para essas crianças, mas eles são as pessoas mais significativas neste momento de contação. Todas as crianças entrevistadas estão inseridas no âmbito escolar, mas poucas delas afirmaram que sua professora conta histórias. Podemos refletir sobre este fato como sendo a leitura em sala de aula uma prática rotineira, semelhante diariamente, acabando por se tornar menos significativa para as crianças.

Podemos perceber a exposição de sentimentos através da fala das crianças, como por exemplo na fala de Bia, a qual evidencia a ausência do pai neste momento, fazendo referência a um abandono por parte dele:

Pesquisadora: Quem te conta essas histórias?

Bia : Eu tenho um monte de histórias na minha casa. Só minha mãe conta histórias porque meu pai me abandonou.

Bia, 6 anos.

Para Bettelheim, o abandono é a pior ameaça que uma criança pode ter na vida. Segundo o autor isto é denominado pela psicanálise de “o maior medo do homem - de ansiedade de separação; e quanto mais novos somos, mais excruciante nossa ansiedade quando nos sentimos abandonados” (1980, p.159), pois as crianças, quanto mais novas mais necessitam de cuidados e proteção, e caso isso não ocorra, elas poderão perecer.

No caso de Manu, a contação é, por muitas vezes, a parte mais legal da história, como podemos perceber a partir da afirmação dela:

Pesquisadora: O que tu mais gosta nas histórias?

Manu: Eu gosto mais da professora que conta.

Manu, 4 anos.

Ou seja, independentemente da história que é narrada, a parte mais significativa deste momento é a contação da professora para com as crianças. Por isso a narrativa destes contos deve ser tão valorizada quanto a própria história, pois é através da narrativa que aquele momento vai ser significativo ou não para a criança. Um momento de afeto, atenção, alegria. Um momento em que a criança pode usar seu imaginário e inventar e reinventar a mesma história. E é o professor que pode permitir ao seu aluno este momento, fazendo dele o mais especial possível.

Este momento de contação de histórias também é importante para o desenvolvimento da oralidade e da imaginação de cada criança. Evidenciamos isso na fala de Luana, quando afirma que a leitura, por vezes, é feita por ela, levando em consideração que a mesma ainda não está alfabetizada.

Pesquisadora: Tu gostas de histórias?

Luana: Eu adoro histórias. Na minha casa tem muitos livros, eu leio pra mim às vezes.

Luana, 6 anos.

A seguir falarei de uma das entrevistas na qual encontrei alguns elementos para análise. A criança entrevistada foi Bernardo de 5 anos de idade. Conforme fui fazendo as perguntas para ele sobre de quais histórias ele gostava e se ele gostava de histórias como “A Branca de Neve”, Bernardo logo respondeu que não gostava de contos de fadas, reconhecendo imediatamente que “A Branca de Neve” tratava-se deste gênero literário. Quando indaguei-lhe sobre o motivo de não gostar de contos de fadas, o mesmo hesitou em responder e afirmou que não sabia o porquê. Para Bettelheim, “se uma criança não se liga à estória, isto significa que os motivos ou temas aí apresentados falham em despertar uma resposta significativa neste momento de sua vida.” (1980, p.26).

Pelo que pude perceber de Bernardo, os contos de fadas os quais são narrados para ele na escola, são geralmente os mesmos: Branca de Neve, Os Três Porquinhos e Bela Adormecida, os quais não despertaram real interesse nele. Segundo Bettelheim (1980), a criança pode temporariamente desinteressar-se pelas histórias, assim como Bernardo, e acabar encontrando outras histórias mais prazerosas. Por isso, quando refere-se a contos de fadas é melhor seguir a orientação da criança sobre quais desejam escutar. Mas, assim como se deve

escutar os desejos das crianças, como afirma o autor, deve-se também proporcionar às crianças novos tipos de literatura, às quais as mesmas ainda não possuíam contato, pois cabe ao professor/a apresentar novas histórias para que assim possa aumentar o repertório literário da criança.

Mas ao longo da entrevista o Bernardo trouxe a história da Malévola, pedindo para que eu a narrasse para ele, demonstrando muito interesse durante a narração da história, acusando em sua expressão o fascínio sobre a mesma, tentando compreendê-las e buscando significados nela.

Bettelheim (1980), também explica a importância do compartilhamento destes contos com seus pais e da aprovação deles para os mesmos. No caso de Bernardo pude perceber que há presente nele o conceito de que contos de fadas são histórias de meninas, intituladas assim por seu pai, e acabando por não simpatizar por esses contos.

É exatamente tão importante para o bem-estar da criança sentir que seus pais compartilham suas emoções, divertindo-se com o mesmo conto de fadas, quanto seu sentimento de que seus pensamentos internos não são conhecidos por eles até que ela decida revelá-los. (BETTELHEIM, 1980, p.27).

Durante a entrevista com Bernardo, ele perguntou-me se poderia inventar uma história, já que ele não lembrava de nenhuma de que ele gostasse. No quadro a seguir está transcrito o fragmento da entrevista em que Bernardo faz a contação de sua história, a qual foi narrada com voz baixa e em tom de suspense.

Bernardo: Era uma vez um grande castelo e uma ponte mal assombrada (quer dizer que tem uma maldição). Eram os tubarões voadores.

Na noite, quando a magia vai se espalhando, cria um grande dragão do portal negro. E esse dragão guarda o reino distante. O portal negro ficava na Lua. A Lua se transformava em um portal dos dragões do mal. O dragão que guardava o reino era o mestre dos dragões. Os dragões iam ser treinados, e um dia o portal se modificou. Os dinossauros dominavam uma parte da Terra, a outra os dragões. Cada dia era uma guerra de dragões contra dinossauros.

Pesquisadora: E os humanos?

Bernardo: Os humanos morreram há muito tempo por causa da maldição do dragão do mal. Ele matou eles com as garras do dragão da morte. Mas um dia na guerra eles viram no céu um dinossauro voador e um dragão. O “Fantasma do Pterodáctilo” era o líder dos dinossauros e o dragão (ele era tipo o dragão do Dragon Ball do mal) e ele pulou.

Pesquisadora: E daí, o que aconteceu?

Bernardo: Daí eu conto outro dia pra ti, quando eu vier aqui de novo.

Pesquisadora: Mas tu não vai esquecer?

Bernardo: Ah, então vou terminar agora. Daí o dragão pulou e depois abriu um buraco no chão com uma sombra negra. O dragão falou que os dinossauros não poderiam comandar a Terra. Os dragões venceram porque o líder invocou um portal para o dragão vermelho que voava sobre o céu cuspidando fogo azul. Quando ele cuspiu fogo nos dinossauros o dragão comeu a carne dos dinossauros. Daí o mundo não foi o mesmo. Fim.

Bernardo, 5 anos.

Através da narrativa de Bernardo, pode-se perceber que apesar de ele não gostar de contos de fadas, na história por ele contada há vários elementos que remetem a este tipo de contos e que são característicos dos mesmos. Como por exemplo, o início da história que ele começa com “Era uma vez”, é característica de contos de fadas. A questão do mal sempre presente, do feitiço que o mal fez contra os humanos (remetendo talvez à história da Branca de Neve, em que a bruxa faz um feitiço para matar a princesa ou como no caso da Bela Adormecida).

No decorrer da história contada por Bernardo ele faz uma pausa em sua narração e afirma que outro dia que ele fosse a minha casa novamente ele continuaria a história, dando a entender que assim poderia visitar-me mais uma vez.

Muitas das crianças entrevistadas afirmaram que uma das histórias de que mais gostavam era a história dos Três Porquinhos. Bettelheim (1980), afirma que esta história traz alguns significados para as crianças. Um deles é relacionado às vantagens de crescer, tendo em vista que o porquinho mais velho é retratado como superior aos outros, sendo mais inteligente que os demais. Este elemento é bastante evidente para as crianças, tanto é que quando indagadas sobre de qual porquinho elas mais gostavam, a resposta era imediata: “Eu gosto mais do porquinho da casa de tijolos”.

O enredo da história também nos passa a mensagem de que não devemos ser preguiçosos, pois trabalhando arduamente e com inteligência, podemos vencer até mesmo o lobo, nosso maior inimigo (BETTELHEIM, 1980).

Pedi então para que as crianças que afirmavam gostar desta história me narrassem a parte de que mais gostavam. Todas narraram a mesma parte da história.

O mais legal que eu gostei foi quando o Lobo caiu e machucou o bumbum dele. Achei engraçado porque o lobo se machucou, porque o lobo é malvado e ele gosta de comer as pessoas.

Lara, 5 anos.

Gosto mais da parte que o Lobo queima o bumbum dele. Eu gosto quando ele se machuca porque eu gosto de rir dele.

Manuel, 5 anos.

Eu gosto da parte quando o Lobo Mau queima o bumbum. Porque é engraçado.

Carlos, 6 anos

A satisfação das crianças ao escutarem esta parte da história, em que o Lobo acaba por se dar mal é justificável. Para Bettelheim (1980) a criança acaba por se reconhecer no personagem do lobo, através da figura malvada que o mesmo representa, “assim o lobo é uma externalização, uma projeção da maldade da criança - e a estória conta como se pode lidar com ela construtivamente.” (1980, p.56). Portanto, quando o lobo é destruído pelo porquinho mais velho a justiça é feita, e a criança “não só recebe esperança, mas também lhe é dito que através do desenvolvimento de sua inteligência ela pode sair-se vitoriosa mesmo sobre um oponente muito mais forte”. (1980, p. 55).

Essa mesma justificativa que Bettelheim (1980) afirma cabe para a narrativa de Larissa quando pergunto a ela se a mesma gosta do Lobo.

Eu gosto do lobo mal, porque se eu vejo o lobo do mal eu consigo pegar os guris. Daí eu consigo bem rápido pra pegar eles.

Larissa, 5 anos.

Ou seja, Larissa se vê no Lobo e através dele enxerga uma estratégia para que enfrente os meninos de quem ela não gosta. Realiza uma projeção da maldade

do lobo para ajudá-la a resolver seus conflitos, tendo em vista que o lobo faz mal para as pessoas, então, conseqüentemente, os meninos deverão temê-lo.

Na entrevista com Carlos ele afirma que uma das histórias de que ele mais gosta é o conto de João e Maria. Carlos narra-me a história em detalhes.

Pesquisadora: De quais personagens desta história tu mais gosta?

Carlos: Eu gosto mais do João e da Maria, porque eles são crianças felizes.

Pesquisadora: Por que tu achas que eles são crianças felizes?

Carlos: Porque eles não tinham nada no começo e no final eles ficaram ricos.

Carlos, 6 anos.

Segundo Bettelheim (1980), diferente de outros contos de fadas em que a ansiedade de separação é simbolizada pelo casamento, na história de João e Maria o estabelecimento de relações humanas que acabarão com a ansiedade da separação se dá através da volta para casa e para o pai, o que resulta em um final feliz. Portanto as crianças conseguem atingir sua mais elevada humanidade logo que a bruxa morre queimada, e isto é simbolizado pelos tesouros que conquistam. Podemos perceber esse elementos através da fala de Carlos, quando afirma que o motivo da felicidade das crianças se dá no final da história com a conquista das pedras preciosas, assim denominadas por ele.

Uma outra análise que é possível fazer através do diálogo com as crianças é a projeção do bem e do mal. A percepção clara de quem é bom ou mau e de quem eu gosto mais. Para Bettelheim, “[...] as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo *versus* o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia.” (1980, p. 18). Podemos então perceber isto através da fala de Bárbara e de Mariana.

Pesquisadora: De qual personagem tu mais gostas na história da Chapeuzinho Vermelho?

Bárbara: Eu gosto mais da vovó, porque é ela quem cuida da Chapeuzinho Vermelho.

Pesquisadora: E de qual tu não gostas?

Bárbara: Eu não gosto do lobo, porque ele é malvado

Pesquisadora: Por que tu achas ele malvado?

Bárbara: Porque ele quer comer a vovó. Não gosto de gente malvada porque botam de

castigo.

Bárbara, 5 anos.

Pesquisadora: De quais dos personagens tu mais gosta na história da Branca de neve?

Mariana: Da Branca de Neve.

Pesquisadora: E da bruxa?

Mariana: A bruxa não, porque ela é má e eu gosto da Branca de neve porque ela é boazinha.

Mariana, 4 anos.

Pesquisadora: De qual personagem tu mais gostas nesta história?

Larissa: Eu gosto mais da Branca de Neve

Pesquisadora: Por quê?

Larissa: Porque ela é boazinha

Pesquisadora: Por que tu achas ela boazinha?

Larissa: Porque ela é uma princesa, e as princesas são boas, porque elas acham os bichos bonitinhos e as pessoas também.

Pesquisadora: E da Rainha? Tu gostas dela?

Larissa: A Rainha é má, porque ela não gosta dos bichos e porque ela gosta de pegar princesas. Eu não gosto da rainha, só de princesas, porque ela é boazinha e gosta de bichos, bichos bonitinhos, não bichos maus.

Larissa, 5 anos.

Na fala das crianças podemos perceber que as escolhas sobre com quais personagens simpatizam mais são feitas de acordo com as atitudes de cada um deles. Bárbara relata que gosta mais da vovó, pois ela cuida da Chapeuzinho. Percebe-se aqui a relação com o instinto protetor que em muitas histórias é relacionado com a figura da avó, uma figura boa, que faz coisas boas e cuida de seus netos. Segundo Bettelheim, “os avós devem ter utilidade para a criança - devem ser capazes de protegê-la, ensiná-la e alimentá-la; caso contrário, serão reduzidos a uma forma primitiva de existência” (1980, p. 93). Outro elemento que Bárbara traz em sua fala é o castigo que o Lobo recebe após tentar comer Chapeuzinho Vermelho. Para Bettelheim (1980), a criança sente que merece ser punida por seus sentimentos. Ou seja, o Lobo foi malvado e conseqüentemente é

castigado, ela, por sua vez não pode gostar do Lobo malvado, pois poderá correr o risco de ser castigada também.

Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para a criança identificar-se com ele e rejeitar o outro, mal. A criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é “Será que quero ser bom?”,mas, “Com quem quero parecer?”. (BETTELHEIM, 1980, p.18). E nestes casos podemos perceber que as crianças compreendem quem são os personagens bons e maus da história, escolhendo qual dos personagens e suas características lhes agradam mais, entrando no conflito do bem *versus* mal. No caso da Larissa, ela vê uma característica dos personagens que tem relação com sua personalidade e seu gosto pessoal, que é a adoração por animais. Ela identifica um personagem bom e um personagem mau através da relação que os mesmo têm com os animais. A Rainha é denominada malvada por não gostar destes bichos, já as princesas, em geral, segundo Larissa, são boas porque gostam dos bichos.

Os contos de fadas, como vimos, podem revelar-nos muitas coisas e fazem com que as crianças possam internalizar conceitos e aprender a lidar com conflitos internos. Segundo Bettelheim, “cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos de nosso mundo interior, e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade” (1980, p.323). Acredito que tais contos contribuíram muito para a formação destas crianças até então, e espero que este universo de magia e fantasia as acompanhem por muito tempo, pois a mim eles continuam a acompanhar.

7. CONCLUINDO

“Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida.” (BETTELHEIM, 1980, p.20)

No presente trabalho, pudemos perceber que o universo literário e todos os elementos que o mesmo engloba, como a contação de histórias, a leitura, a sala de aula e o gênero literário: contos de fadas, são fundamentais para a infância. Através de Bettelheim (1980), pudemos compreender os contos de fadas como uma literatura ímpar, assim como o próprio autor afirma, o qual pode fornecer elementos muito importantes para o desenvolvimento da criança.

Foi através das entrevistas com as crianças que conseguimos compreender muitos elementos a que esse autor se refere em sua escrita. Alguns desses elementos foram elaborações internas realizadas através da leitura, como o abandono familiar e a ansiedade da separação.

No quadro produzido com a fala das crianças sobre “de quais histórias mais gostavam e quem as contavam”, apareceram com mais frequência os pais como narradores, e as histórias mais contadas foram de Rapunzel, Branca de Neve e Os Três Porquinhos.

Através do diálogo com as crianças pudemos perceber quais personagens despertavam sua simpatia, e através do referencial teórico foi possível compreender porque a maior parte das crianças simpatiza com os personagens intitulados “bons” e expressam felicidade ao verem os personagens “maus” saindo prejudicados no final.

Também percebemos a influência que os pais têm sobre seus filhos em relação ao gostar ou não de uma história e que a criança sempre precisa da aprovação de seus pais para efetivamente gostarem da mesma. Outro elemento trazido no referencial, o qual esteve em evidência na fala das crianças, foi a importância da contação de histórias, a troca entre narrador e ouvinte e o significado que permeia esse momento.

O entrelaçamento do referencial teórico com o material empírico colaboraram para que a questão de pesquisada, a qual instigou-me para iniciar esta escrita, fosse

resolvida. Assim, pude compreender que os contos de fadas podem, de diversas formas contribuir para a infância, basta a criança ter o contato com este gênero literário.

Os objetivos de compreender a importância e os sentidos dos contos de fadas para as crianças, refletindo como os mesmos podem contribuir para o desenvolvimento da criança nos aspectos emocionais, foram alcançados. Contudo isso não ocorreu de uma forma ampla e completa, tendo em vista que o tempo para a conclusão desta pesquisa foi limitado.

Finalizando este trabalho, posso constatar que tive grandes aprendizados, além de alguns desafios. Deparei-me com um tema, como a psicanálise, que até então era novo para mim o qual tive que estudar para que assim pudesse compreender melhor ao que Bruno Bettelheim (1980) se referia em seu livro, uma literatura densa, sempre voltada para a psicanálise.

As entrevistas com as crianças também foram muito significativas para mim e uma fonte de grande aprendizado. Muitas vezes contamos histórias para as crianças e não oferecemos a elas oportunidade de falarem o que sentem ao escutarem tais narrativas, se elas gostam de escutá-las ou se preferem outra história. Este momento de escutá-las, acredito que foi tão importante para mim quanto para elas. O mesmo, de certa forma também foi uma limitação, pela dificuldade de encontrar tempo em que eu e as crianças pudéssemos nos reunir. A timidez de algumas delas também foi uma barreira que consegui vencer aos poucos durante as entrevistas.

Apesar destas limitações fico satisfeita com as aprendizagens que obtive ao longo deste semestre e que este trabalho me proporcionou, pois a partir dele pude descobrir uma nova paixão, um universo novo para mim, o da psicanálise, o qual me cativou e me estimulou a querer continuar estudando e descobrindo seus encantos.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. 5. ed. - São Paulo: Scipione, 2005 .

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise nos Contos de Fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, **Maria** de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

CONDE, Nariman R. **O significado pedagógico dos contos de fadas**. In: Presença pedagógica. Belo Horizonte Vol. 2, n. 11 (set./out. 1996), p. 36-47 : Il.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis/ Diana Lichtenstein Corso, Mário Corso**. - Porto Alegre: Artmed, 2006. 328 p.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FERNANDES, Natália. **Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios**. In: Revista Brasileira de Educação. Universidade do Minho, Braga, Portugal. v. 21 n. 66, jul./set. 2016.

FIGUEIREDO, T. A. **A Magia dos Contos de Fadas**. 2000. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=42>>. Acesso em: 31 out 2016.

FILHO, Altino José Martins; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Metodologias de pesquisa com crianças**. In: Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, RS. v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea**. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 nov. 2016.

GIGLIO, Z. G. **A utilização pedagógica do maravilhoso.** In: Revista NEP, São Paulo: UNICAMP, p.65-85, 1993.

KLERING, Katiele. **ENTRE REGINA E RAINHA MÁ: PERSONAGEM COMPLEXA EM ONCE UPON A TIME.** Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas. Porto Alegre, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nísia Martins do Rosário. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000999045&loc=2016&l=fa49440e68f9b41d>; Acesso em: 18 de outubro 2016.

LAJOLO, Marisa Philbert; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** 2.ed. São Paulo : Ática, 1985, p. 190.

LIMA, Taís Aparecida Costa. **A FUNÇÃO SIMBÓLICA DAS HISTÓRIAS INFANTIS E AS FANTASIAS INCONSCIENTES.** Psicopedagogia Online. Jan. 2000. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=266>; Acesso em: 18 outubro. 2016.

LOURENÇÃO, Daiane A.; ANTONELLI, Maria Alda. **Contaço de História na Educação Infantil.** Nativa - Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso. V.5, N.1. 2016. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/241/pdf>; Acesso em: 13 setembro. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 27 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Cristiano L. de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.** In: Revista Travessias. Cascavel, PR Vol. 2, n. 3. 2008.

PAVONI, Amarílis. **Os Contos e os Mitos no Ensino Uma Abordagem Junguiana.** São Paulo: EPU, 1989.

PERES, Giani. **Criar leitores : estratégias que podem ser usadas para favorecer a expressão da criança.** In: Revista do professor (Porto Alegre). Porto Alegre, RS Vol. 26, n. 102 (abr./jun. 2010), p. 5-9 : il.

ROSSONI, Maria de Fátima. **Contos de fadas**. In: Revista do Professor. Porto Alegre, n. 94 (abr./jun. 2008), p.14-15.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil**. In: Revista criança. Brasília, DF N. 38 (jan. 2005), p. 8-9.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**. [tradução Maria Christina Penteado Kujawski]. São Paulo : Paulus, 1985.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** (2a ed.). (D.Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

APÊNDICE

Perguntas-base das entrevistas:

Partindo do pressuposto que as entrevistas foram semi-estruturadas, foram feitas algumas perguntas-base. A pergunta relacionada a dados de identificação foi: qual é a sua idade? As demais perguntas feitas são questões sobre o tema pesquisado: Tu gosta de histórias? Onde tu vê ou escuta estas histórias? Quem te conta estas histórias? Qual tu mais gosta? Por que tu gosta mais desta? Como é esta história? Tu pode me contar ela?